

SOBRE O ENSINO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL

Ana Mariza Ribeiro Filipouski

1. LITERATURA E EDUCAÇÃO

A leitura, mais do que um dever, é um direito do indivíduo. Através dela, o leitor, rompendo qualquer barreira temporal ou espacial, integra-se em novos mundos, descobre novas perspectivas, conscientiza-se, enfim, de sua função social e transforma o próprio ato de ler numa forma de participação. Por isso, quando os currículos escolares incluem o estudo da literatura em diferentes níveis estão, mais do que integrando o estudo da língua ao da criação artística elaborada através da palavra, atualizando a própria função social do indivíduo.

Os objetivos do ensino de literatura nas escolas brasileiras não são traçados com precisão: ora se confundem com as determinações gerais do ensino da língua portuguesa (usando o texto literário como pretexto para o ensino da gramática), ora com um trabalho de referência à história da literatura (frequentemente degenerando em informações biográfica e histórica), raras vezes propondo o texto como pré-condição de trabalho e dificilmente inserindo-o num contexto bem delineado, como forma de estimulação da consciência histórica do aprendiz.

Em nossos tempos, o ensino da literatura deveria obedecer a quatro objetivos diferentes:

- a) literatura para desenvolver a capacidade de ler e escrever;
- b) literatura como forma de adaptação à vida, com força socializadora;
- c) literatura para formar a noção de herança cultural;

d) literatura como meio de adestramento das faculdades críticas dos alunos, formando o hábito de crítica científica.

Desse modo, fugiríamos dos objetivos demasiadamente amplos que povoam os nossos programas de ensino e que, por isso, não podem ser avaliados, medidos, tais como os que se referem ao desenvolvimento do gosto pela leitura ou a compreensão da situação humana através da literatura.

Os três primeiros objetivos, embora em níveis diferentes, conforme veremos a seguir, interessam ao estudo da literatura em primeiro grau. Já o quarto, que busca formar o hábito de crítica científica, pertence a um nível mais complexo de leitura e exige pré-requisitos que o aluno de primeiro grau não tem maturidade para dominar. Por este motivo, não será tratado aqui.

2. LITERATURA PARA DESENVOLVER A CAPACIDADE DE LER E ESCREVER

2.1. PRESSUPOSTOS

Se considerarmos o ensino atual da literatura nas escolas brasileiras, observaremos que, coincidindo com a democratização do ensino e com a expansão dos meios de comunicação de massas, o aluno lê cada vez menos. Assim, a literatura tende a deixar de ser um estudo baseado no texto literário e este passa a ser relegado a um segundo plano. Tende-se, portanto, a desperdiçar a literatura como incentivadora do hábito de leitura e sistematizadora da expressão escrita do aprendiz, perde-se o contato com o texto e a formação do hábito de ler não é estimulada. Em consequência, professores, pais e bibliotecários não mais se incumbem da função de estimuladores da leitura e o aluno se afasta dos livros, jamais frequenta uma biblioteca, não se sente à vontade numa livraria, embora seja atento e ágil no manejo dos botões da TV ou à leitura de histórias em quadrinhos.

Apesar desses acontecimentos, sabe-se, há muito tempo, que a capacidade de ler é essencial à realização pessoal e ao progresso social e econômico de um país. Por isso, deve-se trabalhar em literatura, inicialmente, com o objetivo de desenvolver a capacidade de ler e escrever, o que significa que o aluno só é capaz de crescer através de seu contato literário quando a leitura não lhe é um pesado encargo, e ele é capaz de perceber que, ao ler um texto, trava-se um diálogo entre o leitor e a obra e as informações adquiridas através dessa troca revertem em crescimento pessoal.

Embora seja uma tarefa a ser sistematizada na escola, o hábito de leitura deve iniciar já no lar, antes mesmo que o aprendiz domine o ato de ler. Através do contato com o livro, habituando-se a interpretar, reproduzir ou questionar as gravuras, a criança é levada a valorizar o livro e a atribuir-lhe um lugar de destaque em suas atividades comuns.

2.2. SUGESTÕES DE ESTRATÉGIAS PARA DESENVOLVER A CAPACIDADE DE LER E ESCREVER.

2.2.1 No lar — Pais que não lêem não são convincentes estimuladores da leitura; crianças que não questionam, não fazem um bom aproveitamento do texto literário. Como o que interessa é promover um hábito, deve ser colocado à disposição da criança ainda não alfabetizada um significativo número de livros onde seu mundo possa ser reconhecido à leitura dos textos: animais, fatos e acontecimentos do cotidiano apresentados num texto curto de ficção, com farta ilustração e fácil leitura. Tais histórias devem ser contadas às crianças com a maior frequência possível, e os pais devem participar da leitura dos filhos falando-lhes sobre o que lêem, inquirindo-lhes sobre o que ouvem, reconhecendo valores e induzindo-os à aplicação da aprendizagem adquirida nos livros. Dessa forma, desde pequena, a criança será levada a associar experiências agradáveis com a linguagem à leitura de livros.

Igualmente os livros devem ser vistos sempre como uma fonte de prazer, portanto passíveis de se tornarem um presente de valor ou uma compra cobiçada. A frequência a bibliotecas infantis, a visita a estantes especializadas e a própria escolha do livro também promovem a sua importância diante do jovem futuro leitor.

2.2.2. Na Escola — Apenas os professores que lêem são eficazes promotores da literatura. Os professores de língua portuguesa, erroneamente os únicos encarregados de estimular o hábito de leitura em seus alunos e os únicos sistematizadores da literatura em primeiro grau, são unânimes em reconhecer as vantagens da leitura mas muito raramente propõem atividades de classe com textos literários, assimilando-as com um bom aproveitamento das horas de lazer. Sua tarefa restringe-se à indicação de leitura extraclasses, freqüentemente cobrada através de insípidas fichas. É natural, portanto, que a literatura não apenas se furte ao objetivo de estimular o hábito de ler e escrever mas também afaste o aluno do contato com o livro, tornando tal experiência um amargo e inútil momento de prestação de contas.

Toda a escola deve chamar a atenção da criança para o livro, seja através de listas, exposição de gravuras nos corredores, formação de clubes de leitura ou, ainda, insistentes convites aos alunos para que freqüentem e utilizem a biblioteca.

O professor que inclui em suas atividades diárias momentos de leitura silenciosa ou em grupo está acostumando seus alunos a trabalhar com livros, formando o hábito de ler. Entretanto, a hora da história pode ter variações como:

- a) o professor conta a história aos alunos;
- b) autores locais são convidados a narrar suas próprias histórias;
- c) o professor faz uma exposição de diversos livros e descreve rapidamente cada um;
- d) o professor inicia o relato de uma história aos alunos até um ponto de suspense e estimula-os a concluir a leitura dentro de um prazo convencionado;
- e) promove-se a discussão, na escola, acerca de uma leitura feita em casa;
- f) os alunos representam as histórias lidas nos livros;
- g) os alunos desenham personagens ou cenas de um livro;
- h) os alunos concluem, por escrito, o relato de uma história contada parcialmente;
- i) os alunos modificam, por escrito, o epílogo de uma história narrada, etc.

Muito poucas escolas brasileiras de primeiro grau possuem uma biblioteca escolar satisfatória. Em vista disso, torna-se conveniente a formação de pequenas estantes de sala de aula, organizadas com sugestões dadas pelo professor e doadas pelos estudantes. Tal iniciativa não apenas aumenta o contato do aluno com o livro mas também é fonte de estímulo à formação de diversos hábitos de convivência comunitária, uma vez que o controle dos empréstimos e a conservação dos livros poderiam ser sempre feitos pelos alunos. Além disso, uma simples consulta às fichas de empréstimo pode fornecer ao professor a medida exata do nível de leitura e dos pontos de interesse de seus discípulos, dando-lhe condições de planejar o estudo do grupo com base nas preferências evidenciadas. Uma perfeita organização da estante de classe poderia incluir folhas informativas sobre o conteúdo, a forma e o tema do livro, além de sugestões para discussão e pedidos de avaliação da obra pelo leitor. O professor poderia, também, ao final de cada semestre, fazer com que cada aluno revisasse sua ficha de leitor e avaliasse e seu desempenho tanto no número de livros lidos, como quanto à rapidez de leitura e maior precisão ao avaliar o texto lido.

Desse modo, seriam inúmeras as oportunidades de formação do hábito de ler e, conseqüentemente, escrever-se-ia melhor e mais. Teríamos um leitor formado, um hábito adquirido. Caberia a uma etapa posterior o ensino da literatura com outras finalidades.

3. LITERATURA COMO FORMA DE ADAPTAÇÃO À VIDA, COM FORÇA SOCIALIZADORA

3.1. PRESSUPOSTOS

Embora o objetivo fundamental do estudo da literatura em primeiro grau seja formar o hábito de leitura, a constatação de seu caráter utilitário deve ser permanentemente feita pelos alunos, o que garantirá, inclusive, a manutenção do objetivo primeiro.

Sabemos que o conteúdo da literatura divide-se em quatro categorias gerais:

- a) obras;
- b) informação contextual;
- c) teoria literária;
- d) informação cultural.

Se a promoção do contato com as obras literárias adequadas ao público leitor norteia todo o trabalho em primeiro grau, a valorização da informação contextual contida nas obras garantirá a formação de um hábito positivo, questionante. É nesta perspectiva que a literatura transforma-se num direito, pois desenvolve as capacidades de aprender e progredir de um indivíduo, garantindo-lhe uma participação ativa em sua comunidade e auxiliando-o a estabelecer, com base no universo retratado nos textos, um conceito global do mundo.

O texto literário é sempre produto de um contexto bem definido. Logo, é interessante que o professor, ao determinar o conteúdo programático de literatura, preocupe-se também em apresentar obras escritas em épocas diferentes e conduza seus alunos ao reconhecimento das diferenças entre as obras, aprofundando o estudo da produção artística contemporânea.

Como auxiliares desse estudo, concorrem eficientemente os meios de comunicação de massas. Uma consulta ao jornal ou revista, a audição de um programa de rádio ou a assistência à televisão devem ser recursos utilizados pelo professor que, assim, parte dos mais populares divulgadores da cultura contemporânea para pensar a produção literária atual. Desse

modo, o professor não só descortina uma nova perspectiva de abordagem de texto, destacando os elementos também constantes de outros meios de comunicação de massas, mas auxilia os alunos a não receber passivamente qualquer informação, a criticá-la e eleger, na mediocridade, o que dimensiona a cultura contemporânea.

O aluno é habilitado a enfrentar criticamente qualquer obra literária, desenvolvendo a sua capacidade de leitura crítica a partir da compreensão da possibilidade referencial do texto literário.

3.2. SUGESTÕES DE ESTRATÉGIAS PARA ESTUDAR A LITERATURA COMO FORMA DE ADAPTAÇÃO À VIDA, COM FORÇA SOCIALIZADORA.

Um trabalho voltado para a valorização contextual, tomando a literatura como forma de adaptação à vida, deve pressupor que a criança já tenha superado a fase de pensamento mágico e, com cerca de dez anos mais ou menos, esteja numa fase de reconhecimento de valores humanos. Nesta etapa, o professor deverá selecionar predominantemente livros juvenis de aventuras cuja intenção não seja apenas destacar uma trama característica mais também ressaltar o ambiente que condiciona o surgimento de heróis aventureiros típicos.

Uma vez que, nesta fase, qualquer tentativa de tratar um livro em detalhes significa a morte do interesse pela leitura, deve-se enfatizar apenas os elementos mais típicos de cada texto. Considerando a conduta dos personagens, os alunos serão treinados para formar opiniões críticas, resolver problemas, refletir sobre o seu tempo e seus valores.

É necessário um cuidado especial para que o principal objetivo do ensino da literatura em primeiro grau — a formação do hábito da leitura — não seja prejudicado pela ênfase demasiada a outro objetivo. Os livros precisam ser interessantes, de leitura estimulante. Além disso, seu conteúdo deve oferecer amplas possibilidades de trabalho com o texto, sem estereotipar problemas ou atitudes. O interesse primordial do professor é destacar um texto que apresente um problema passível de amadurecimento pelo leitor, jamais fornecer-lhe um padrão modelar de atitude a ser copiada sem questionamento.

Numa obra como *O poço do Visconde*, de Monteiro Lobato, interessaria um trabalho de caráter indutivo: a partir do texto, seria atingido o conceito de tal forma que os alunos sen-

textos com que vai trabalhar. Talvez seja mais adequado adotar uma atitude mais eclética na abordagem da obra, regida pelo bom-senso e respeito ao aluno. Isto se justifica porque, embora o objetivo máximo da literatura em 1 grau seja o desenvolvimento do hábito de leitura, se o aluno valorizar o seu caráter pragmático será motivado a ler mais, isto é, a atingir mais plenamente o primeiro objetivo. Quando isto acontecer, adquirirá condições de valorizar a literatura como dimensionadora da sua cultura, logo, habilitar-se-á a desenvolver a noção de herança cultural. Como qualquer desses objetivos exige atitudes dos alunos, convém que, desde muito pequenos, eles sejam habituados a questionar a realidade, a valorizar e respeitar o passado. Desse modo, cultivando um hábito, criam-se condições de trabalhar num nível mais profundo em literatura.

Embora uma posição eclética pareça mais simples, a nossa condição de país novo tende a afastar-nos da valorização do passado e, nessa perspectiva, restringe-nos apenas às coisas mais imediatas. É necessário, portanto, que a escola, através de seus estudos humanísticos, assuma a responsabilidade de motivar uma nova postura diante da nossa própria condição de brasileiros, sob pena de radicalizarmos ainda mais a ruptura existente entre o homem brasileiro e a cultura do país.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 6.1 BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito da leitura*. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1977.
- 6.2 ROSENHEIM JR, Edward. Children's reading and adult's values. In: FENWICK, Sara Innis, ed. *A critical approach to children's literature*. Chicago, University of Chicago, 1967.
- 6.3 PURVES, Alan C. Evaluación del aprendizaje en literatura. In: BLOOM, Benjamin et alii. *Evaluación del aprendizaje; literatura, lengua escrita, segunda lengua, educación industrial*. Buenos Aires, Troquel, 1975.